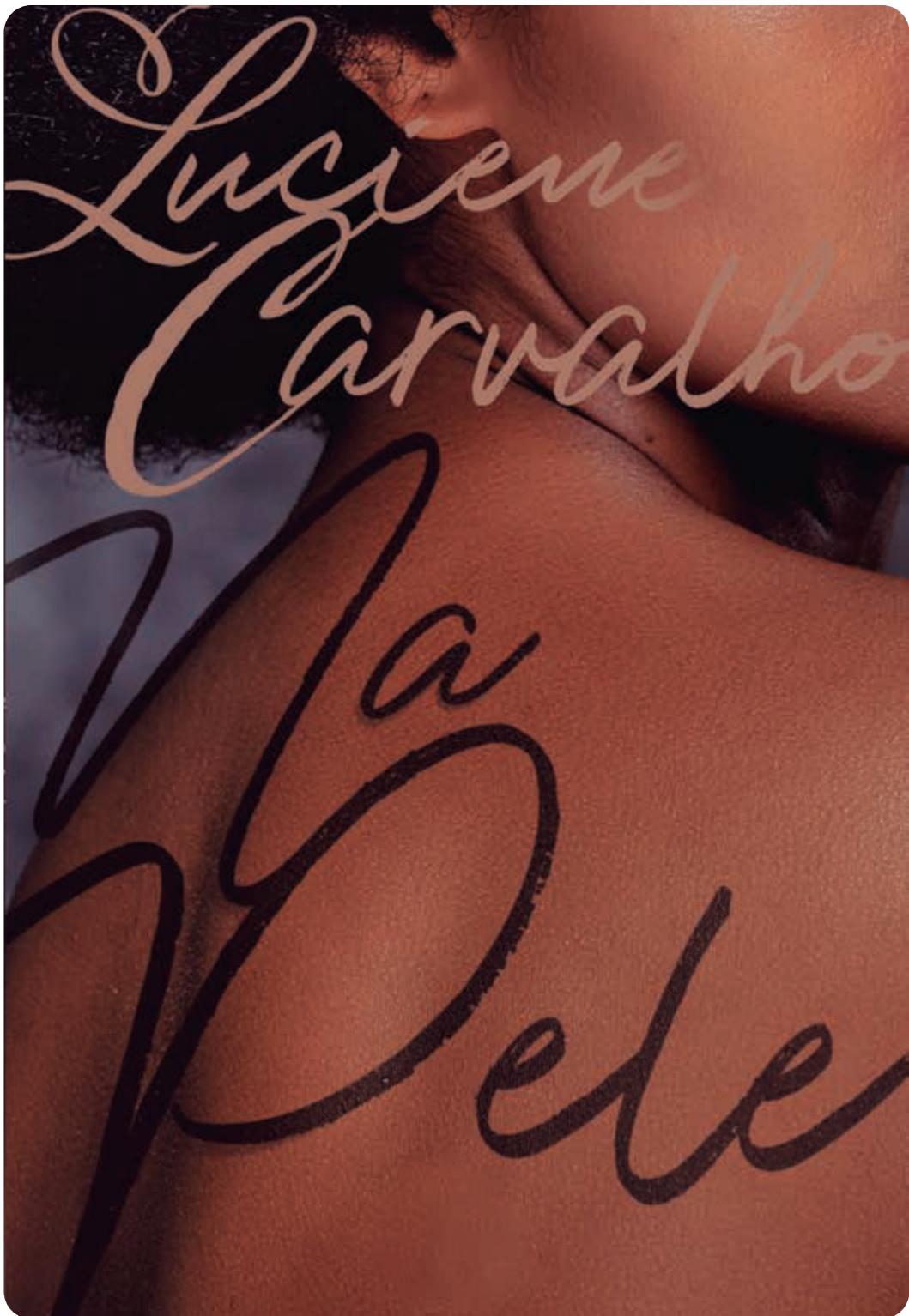


CADERNO DE SUGESTÕES DO(A) EDUCADOR(A) MEDIADOR(A)

do livro:



Jorge Barbosa

© Jorge Barbosa, 2025.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Douglas Rios – Bibliotecário – CRB1/1610)**

B238n

Barbosa, Jorge.

Na Pele: Caderno de Sugestões do(a) Educador(a) Mediador(a) /
Jorge Barbosa. 1.ed. - - São Paulo-SP: Cálida, 2025.
20 p.

ISBN 978-65-986774-2-8

1. Educação. 2. Literatura. 3. Práticas de Leitura Literária.
I. Título.

CDU 37:82

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação - Literatura - 37:82
2. Educação – Práticas de Leitura Literária - 37:82

Editores

Elaine Caniato
Ramon Carlini

Capa

Marcelo Cabral, sobre imagem Shutterstock

Revisão

Cristina Campos



CÁLIDA EDITORA LTDA.

Rua Engenheiro Ranulfo Pinheiro Lima, 33

Vila Monumento – São Paulo-SP

(11) 2063-8961 – calidabacuri@gmail.com

www.calidaeditora.com.br

Instagram: [calidaeditora](#)



CARTA DE APRESENTAÇÃO

Caro(a) Educador(a) Mediador(a),

Este material tem como objetivo abrir um espaço de diálogo por meio de sugestões flexíveis de práticas de leitura literária, discussões teórico-metodológicas, propostas de atividades e projetos pedagógicos. Considera-se cada contexto local, cultural e social, com vistas à adaptação das proposições à sala de aula, à biblioteca escolar e/ou à biblioteca pública, sempre levando em conta o público-alvo a quem as obras se destinam, bem como o papel ativo *do(a) educador(a) mediador(a)* na condução dessas ações. As orientações buscam, assim, promover um aprofundamento estético, crítico, linguístico, étnico-racial, artístico e cultural, contribuindo para a formação de leitores críticos, sensíveis e socialmente engajados.

A obra poética *Na pele* (2020), da poeta e presidente da Academia Mato-grossense de Letras (AML) Luciene Carvalho, nos propõe uma travessia pela “rota da melanina”. Por meio do seu eu-poético, ressignifica uma voz ancestral, contempla a diversidade cultural afro-brasileira e afro-diaspórica, e possibilita uma construção identitária racial. Seus poemas atravessam narrativas coloniais, fronteiras nacionais e internacionais, atentos aos perigos do passado, para sobreviver no presente e assegurar o futuro, enluarando peles pardas e negras em espaços sociais, institucionais, governamentais e políticos.

Cada poema configura-se como uma integralidade, convidando os leitores e as leitoras a mergulharem em sua interioridade, onde se percebem, quase epidermicamente, dores e traumas, mas também resiliências e empoderamentos desse “eu” que nos convoca à escuta. Cada verso expressa uma imagem sentida na sonoridade das palavras, na oralidade que se transforma em linguagem, emprestada pelo repertório linguístico-literário do “continente-útero” da poeta, até alcançar o simbólico, o sinestésico, o mítico, o metafórico e o artístico que circundam sua obra.

Na pele (2020), de Luciene Carvalho, avança nesse percurso. Agora, é nossa missão fomentar um saber mais equalitário e decolonial por meio das leituras críticas de seus poemas, orientando nossos olhares para um letramento racial, ético e sensível, que abarque a pluralidade da negritude e enfrente os desafios do combate ao racismo em suas variadas instâncias. Portanto, esperamos que este material possa inspirar novas leituras, práticas e reflexões em seu contexto de atuação. Ou, tal como ecoa os versos-palavras da poeta:

“Nós vamos enluarar este país”.

ENTRE AS LACUNAS E AS FISSURAS DA AUTORIA

Luciene Josefa de Carvalho nasceu em 1965, na cidade de Corumbá, que atualmente pertence ao estado de Mato Grosso do Sul, em uma época em que Mato Grosso ainda era uno, sem divisões territoriais. Em 1974, mudou-se para Cuiabá, na região do Porto, onde reside até hoje. Três anos depois, em 1977, foi promulgada a Lei nº 31, de 11 de outubro, que oficializou o desmembramento em dois Estados. Esse contexto histórico permeia a trajetória fronteiriça da poeta e confere uma aura estética aos seus poemas, já que relatos familiares indicam que ela começou a declamar aos quatro anos de idade, inserindo-se, desde a infância, em uma transição cultural, simbólica, social, geográfica e histórica que moldou a formação da sua persona artística e mítica.

Em 1995, após o diagnóstico de transtorno afetivo bipolar, foi internada no Hospital Psiquiátrico Adauto Botelho, em Cuiabá-MT; a experiência vivida ao longo de algumas internações resultou na obra *Insânia* (2009), que reúne poemas, cartas e fotografias produzidas durante esse período. Em 2008, recebeu da Câmara Municipal de Cuiabá título de Cidadã Cuiabana e, em 2015, foi empossada na cadeira 31 da Academia Mato-grossense de Letras, tornando-se a primeira mulher preta a ocupar esse espaço na instituição.

A sua trajetória artística e política seguiu em expansão, visto que, em 2020, foi biografada no curta-metragem ‘Luciene’, dirigido pela cineasta Juliana Curvo. No ano seguinte, por meio do Edital Mestres da Cultura, da Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso (Secel-MT), financiado pela Lei Aldir Blanc, o grupo Tibanaré (coletivo de Teatro) lançou o podcast ‘Canção da Iniciação’, com dez episódios nos quais a poeta narra as urgências de suas obras já publicadas, disponíveis em plataformas digitais. Ainda em 2021, lançou seu primeiro álbum musical, ‘Centelha’, que traz a musicalização de seus versos, mesclando sonoridades do Hip Hop, em parceria com o músico contrabaixista Ebinho Cardoso, sob a produção de Mano Raul. Em 2023, Luciene Carvalho tornou-se a primeira mulher preta a presidir uma Academia de Letras no Brasil, um marco histórico e representativo para a comunidade negra.

Poeta, contista, cronista, declamadora, *performer*, atriz, diretora cênica e professora na MT Escola de Teatro, da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), possui quinze obras publicadas ao longo de seus trinta anos de ofício, a maioria de poesia. Entre elas, encontram-se a coletânea *Devaneios poéticos* (1994), *Teia* (2000), *Caderno de caligrafia* (2003), *Porto* (2005) e *Cururu e Siriri do Rio Abaixo* (2007). Também fazem parte de sua bibliografia a trilogia *Sumo de lascívia* (2007), *Aquelarre – ou Livro de Madalena* (2007) e *Conta-gotas* (2007), seu primeiro livro de prosa. Em seguida, publicou *Insânia* (2009); *Ladra de flores* (2012); a cartilha educativa *Para onde os caminhos levam?* (2012); *Dona* (2018) – leitura obrigatória para o vestibular da Unemat; *Na pele* (2020); *Gula d’água* (2021); *Doze contos – interpretando a miragem* (2021), sua segunda obra em prosa; e, mais recentemente, *Saranzal* (2024).

A literatura, como se sabe, abrange diversas fases e períodos, mas em todos mantém seu caráter representativo da realidade, interagindo com diferentes frentes, como a história, a sociedade, a filosofia e a psicanálise, entre outras. Nesse panorama, a produção contemporânea continua a questionar, ocupar

e contestar espaços, especialmente, por meio de corpos subalternizados que reivindicam seu lugar de fala e se autorepresentam de forma autônoma no discurso literário.

É nesse movimento que se inscrevem as obras literárias de Luciene Carvalho, que exploram urgências sociais, contestam o lugar de fala historicamente negado a sujeitos racializados e periféricos, e propõem novas formas de pertencimento. Em sua poética, temas como o amor, a solidão, o desejo e o corpo feminino atravessam diferentes fases da vida, da infância aos pós-cinquenta anos, quando o colágeno se perde entre as marcas do tempo. Além disso, seus textos revisitam a memória afetiva de uma Cuiabá tradicional, repleta de histórias e costumes, a farofa socada no pilão, o ensopado de osso, o linguajar característico, o jirau no fundo do quintal, a dança do Siriri, o canto do Cururu e o Centro Histórico, que permanece como relicário da vida, com suas lembranças e seus esquecimentos.

A poeta também narra, em primeira pessoa, a vivência de paciente psiquiátrica, denunciando o estigma da loucura, a rejeição dos amigos, o abandono familiar e o impacto do uso de drogas. Recorda a mãe, que a incentivou à leitura, seus dilemas, e revisita a saudade do pai, simbolizada pelo trilho do trem. Sua escrita transporta uma África simbólica, refletida na cor da pele, na pigmentação da melanina, no empoderamento dos cachos. Retoma a memória da primeira capital do Estado de Mato Grosso, Vila Bela da Santíssima Trindade, e da rainha Tereza de Benguela, traficada do continente africano e escravizada nessas terras, elementos que sustentam sua poética.

Diante disso, *caro(a) educador(a) mediador(a)*, que tal complementarmos essa breve apresentação da poeta Luciene Carvalho com outros materiais de apoio?

Entrevista com a poeta Luciene Carvalho, ao canal do YouTube Sesc Mato Grosso, em “**LUCIENE CARVALHO | TRAJETÓRIA – SESC MT**”.

Ano: 2024. **Duração:** 24 minutos.

Disponível em: (https://www.youtube.com/watch?v=Zl_tL-UbddQ).

Entrevista no YouTube para o *podcast* ‘Capivara na Faixa’, da TV Assembleia MT, em “**Capivara na Faixa | Luciene Carvalho | Academia Mato-grossense de Letras | Programa 180**”.

Ano: 2025. **Duração:** 22 minutos.

Disponível em: (https://www.youtube.com/watch?v=mUCbSAwx_jQ).

As sugestões apresentadas têm como objetivo proporcionar um conhecimento mais profundo sobre a trajetória pessoal e artística da autora, que compartilha seus processos de escrita, formação, circulação e sua atuação como presidente da Academia Mato-grossense de Letras. Além disso, sua obra já é objeto de estudo em diversos programas de pós-graduação, tanto no nível de mestrado quanto de doutorado, contribuindo significativamente para a difusão de seus versos.

Esperamos que aprecie nossas sugestões.

A URGÊNCIA DE NA PELE (2020) NA FORMAÇÃO EDUCACIONAL DECOLONIAL

O racismo é uma questão social presente nos diversos contextos educacionais, independentemente, da etapa de ensino em que o estudante se encontra. Por isso, abordá-lo em sala de aula ou em espaços de articulação, como bibliotecas e grupos de leitura, ainda representa um desafio, principalmente, quando se considera a amplitude das faixas etárias que abarca desde a Educação Infantil à de Jovens e Adultos. Nesse sentido, torna-se urgente discutir e problematizar o tema, com a finalidade de promover práticas educativas que contribuam para a formação de uma sociedade mais consciente, justa e plural. A discussão deve ultrapassar o mero cumprimento da legislação, envolvendo o compromisso com uma política educativa que reconheça e valora as múltiplas vozes, corpos e realidades, em contraponto à perspectiva homogênea e reducionista do senso comum.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996, destaca, em seu artigo 26, inciso 2º, a importância de um currículo que aborde a diversidade racial e cultural do Brasil. A Lei afirma que “os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras” (Brasil, 2017, p. 21). No entanto, a implementação dessa diretriz enfrenta desafios, como a superficialidade na abordagem dos conteúdos, a falta de formação adequada dos professores e a necessidade de se criar um ambiente educacional que estimule o diálogo crítico sobre essas questões. Tal abordagem é essencial para a construção de uma educação inclusiva, equitativa e transformadora, que respeite e valorize as identidades plurais do país.

É a partir dessa preocupação que o Edital PNLD Literário Equidade se configura como um agente de fomento à educação literária, propiciando a diversidade, o convívio com as diferenças e o reconhecimento das singularidades do outro. Essa proposta encontra ressonância na obra poética *Na pele* (2020), de Luciene Carvalho, que aponta a necessidade de um letramento em leitura e racialidade. Trata-se, portanto, de um livro completo para o trabalho com a categoria étnico-racial, cuja leitura se justifica tanto pela estética poética quanto pelo conteúdo acerca da negritude que sustenta toda a sua construção.

O eu-poético declara em ‘Enluarados’: “Vamos enluarar o Brasil, / que é nosso, / por indenização moral, / porque sobrevivemos”; dessa forma, os versos fazem uma crítica à falsa ideia de que todos são iguais, reafirmando que, mesmo após 137 (cento e trinta e sete) anos de abolição, os povos negros permanecem vigilantes e em luta pela permanência de seus direitos, sobrevivendo aos golpes do racismo. Em continuidade, no poema ‘Tesouro’, a autora sugere que o processo de reconhecimento, ressignificação e empoderamento é diário, contínuo, de uma “Era Afro” que se aproxima, como indicam os versos: “o tesouro almejado / é a melanina, / é a cultura raiz”.

Por conseguinte, é através desse encontro entre literatura e formação educacional que se deve estabelecer a relação entre escolas e bibliotecas (escolares, públicas, comunitárias). É necessário utilizar materiais que apoiem uma prática dialogada, que decolonize o saber, alterando a perspectiva eurocentrada para uma abordagem mais local e interseccional, integrando conhecimentos relacionados a raça, gênero, classe e cidadania.

Essa proposta decolonial na educação ressoa com o pensamento de Bell Hooks (2013), professora e intelectual negra, em *Ensinando a transgredir*, que conduz suas reflexões a partir da ideia de “educação como prática da liberdade”, advinda das leituras de Paulo Freire, que remonta a um processo de conscientização em sala de aula, promovendo uma participação ativa na *práxis* educacional, ou seja, na ação de modificar o mundo. Para Hooks (2013), o ensino deve unir razão e emoção, criando um ambiente em que o aprendizado se torna não apenas um ato intelectual, mas também um espaço de empatia e conexão humana.

A intelectual argumenta que a educação deve ser um ato de amor, no qual o educador se envolve genuinamente com seus alunos, reconhecendo suas diversidades e experiências únicas. Esse vínculo afetivo, sensível e respeitoso é fundamental para que os estudantes se sintam valorizados e motivados a expressar suas vozes, contribuindo assim para uma transformação social mais ampla. Ao pensar nisso, a pesquisadora afirma que:

A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ser ou não erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças (Hooks, 2013, p. 174).

Refletir sobre uma educação libertária relaciona-se à política do corpo e aos seus limites, bem como aos agenciamentos que surgem a partir dessa corporeidade e em oposição a ela, isto é, o que se refere ao discurso autoritário que busca controlar uma suposta razão. Dessa maneira, é fundamental descentralizar o papel do docente, que deixa de ser um juiz em uma tribuna para se tornar um mediador do diálogo, promovendo um olhar atento entre os interlocutores e atravessando a “linha invisível” que separa: “[...] tudo o que vem deste lado da escrivaninha é ouro, é a verdade, enquanto tudo o que se diz fora de lá é algo que eu tenho de avaliar [...]” (Hooks, 2013, p. 185).

Hooks (2013) critica as práticas pedagógicas tradicionais e eurocentradas que mascaram o conhecimento, pois fomos ensinados a manter uma distância simbólica em sala de aula: de um lado, o professor; do outro, os estudantes. Essa separação institucionaliza corpos subalternos em categorias de subserviência, perpetuando um modelo de ensino centrado na autoridade e na reprodução de saberes fixos. Em contraposição, a autora propõe uma “responsabilidade recíproca” na troca de vozes e escutas, inclusive, entre os próprios educandos.

Nesse modelo de educação decolonial, como defende a intelectual, a diversidade de experiências e perspectivas precisa ser reconhecida, valorizada e fortalecida. Em suas palavras, “[...] não estou tentando dizer que aqui somos todos iguais. Estou tentando dizer que aqui somos todos iguais na medida em que estamos todos igualmente comprometidos com a criação de um contexto de aprendizado” (Hooks, 2013, p. 204-205).

O compromisso coletivo é, assim, indispensável para que cada sujeito se sinta seguro e motivado a participar, contribuindo para um diálogo significativo. Ao acolher a diversidade, enriquece-se não

apenas o processo educativo, mas também se forma uma base sólida para a consciência crítica, elemento essencial na formação de cidadãos engajados em suas comunidades.

Por isso, ao abordar as questões étnico-raciais, *o(a) educador(a) mediador(a)* precisa reconhecer o contexto e as singularidades dos sujeitos envolvidos, promovendo, por meio do diálogo, uma reflexão crítica sobre realidades racistas e antirracistas. Esse trabalho não deve se concentrar apenas nos desafios, tal qual nas celebrações, na representatividade e no fortalecimento da identidade negra. Nesse sentido, *Na pele* (2020), de Luciene Carvalho, configura-se como uma obra libertária, capaz de transformar a leitura em espaço de escuta, interpretação e troca, a partir das vivências compartilhadas por cada estudante ou integrante do grupo.

Portanto, a poeta Luciene Carvalho, em sua dedicatória no livro, expressa com contundência o papel do letramento racial e o olhar atento que permeia o mundo, revelando sua identidade afrodescendente em diálogo com a coletividade. Em suas palavras: “*Na pele* é para minha ancestralidade, para que eu possa respirar e para contar aos pretos que só encontro força quando me reconheço neles” (Carvalho, 2020). Refletir sobre essa declaração implica reconhecer que uma formação educacional decolonial não se faz apenas por conteúdos ou métodos, mas por relações que envolvam afeto, escuta e reconhecimento mútuo entre participantes brancos e não brancos, em um processo contínuo de aprendizagem plural, equitativa e afirmativa.

Caro(a) mediador(a) educador(a), essas breves contextualizações surgem como feixes de luz para refletirmos sobre práticas mais libertárias em nossa atuação. Reconhecemos, também, as dificuldades contemporâneas que enfrentamos no sistema educacional, desde a falta de interesse pela leitura, por parte dos nossos estudantes, até a desvalorização da figura docente. Talvez, o caminho a seguir seja a “pedagogia engajada”, proposta por Bell Hooks (2013), que defende abordagens mais sensíveis, sinceras e dialógicas. Para que essas reflexões cheguem até você, deixamos duas sugestões complementares de leitura.

Indicação de Leitura:

Como ser um educador antirracista: para familiares e professores,
de Bárbara Carine (2023).

Bárbara Carine é professora, palestrante, escritora e mãe, formada em Química e Filosofia, pela Universidade Federal da Bahia. Ela possui doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela UFBA/UEFS e é autora de dez livros. Foi finalista do prêmio Jabuti, em 2021, na categoria Ciência com *@Descolonizando_saberes: mulheres negras na ciência*; e, em 2022, foi finalista na mesma categoria com *História preta das coisas: 50 invenções científico-tecnológicas de pessoas negras*. Em 2024, ela venceu o prêmio Jabuti na categoria de Ciência com o livro *Como ser um educador antirracista: para familiares e professores*. Além disso, nas redes sociais, acumula mais de 600.000 (seiscentos mil) seguidores e é conhecida como *@uma_intelectual_diferentona*, consolidando-se como uma das principais influenciadoras digitais na área da Educação.

Indicação de Leitura:

Pequeno manual antirracista,
de Djamila Ribeiro (2019).

Djamila Ribeiro é graduada em Filosofia e mestra em Filosofia Política, pela Universidade Federal de São Paulo. Ela é uma das personalidades mais importantes no combate ao racismo e ao feminicídio no Brasil, com foco na filosofia política, teoria feminista e nas relações raciais e de gênero. Em 2022, tornou-se imortal da cadeira 28 da Academia Paulista de Letras, sendo também eleita, pela BBC, uma das 100 (cem) mulheres mais influentes do mundo.

LETRAMENTO LITERÁRIO E RACIAL: UM CHAMADO PARA O AGORA

Os espaços de leitura assumem, em sua função sociocultural, o compromisso de formar sujeitos críticos, capazes de dialogar com o tempo presente e reconhecer as múltiplas vozes que compõem a sociedade. Nesse horizonte, o letramento literário se configura como prática essencial, não apenas pelo contato estético com a linguagem, mas por sua potência de deslocar pensamentos, sensibilidades e pertencimentos. A leitura literária amplia-se, assim, como campo de experiência, lugar de escuta, memória e resistência, atravessado pelas marcas históricas que constituem os corpos e suas narrativas. Letrar-se, portanto, é também reconhecer a materialidade social das palavras e os modos como elas encarnam vivências raciais, afetivas, culturais e políticas. É nesse ponto de intersecção que se inscreve o letramento racial como urgência formativa, ética e cidadã.

As Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 – ao tornarem obrigatória a educação para a compreensão de como se dão as relações étnico-raciais, visando humanizá-las, e o ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena – representam um marco na formação educacional brasileira. Essas normativas convocam a escola à construção de projetos pedagógicos comprometidos com a superação do racismo estrutural, com a valorização da diversidade e com a garantia do direito à diferença, o que exige das práticas de leitura um engajamento que vá além da inclusão pontual de conteúdos, implicando o compromisso de reconfigurar os modos de ler, escrever e interpretar o mundo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça essa perspectiva desde a Educação Infantil, ao afirmar que “se espera que as crianças percebam e compreendam a dinâmica de suas relações sociais e étnico-raciais, identificando-se com a sua comunidade e respeitando os diferentes contextos socioculturais” (BRASIL, 2018, p. 364). Desde cedo, portanto, as práticas de leitura e escuta precisam contemplar narrativas plurais, deslocar silêncios e legitimar outras formas de existência. A literatura, nesse contexto, torna-se ponte entre subjetividades e territórios, abrindo frestas para o reconhecimento de si e do outro.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a BNCC define o campo artístico-literário como aquele “relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos,

representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas” (BRASIL, 2018, p. 98). Aqui, a leitura não se restringe à decodificação, mas envolve sensibilidade, escuta atenta e abertura ao diverso; quando atravessado pela perspectiva racial, esse campo permite a emergência de identidades historicamente silenciadas, deslocando o cânone e ressignificando o currículo.

A construção artístico-literária se aprofunda nos anos finais do Ensino Fundamental, momento em que os estudantes acumulam vivências escolares e começam a elaborar compreensões mais críticas do mundo. Segundo a BNCC, o objetivo é “possibilitar às crianças, adolescentes e jovens [...] o contato com as manifestações artísticas e produções culturais em geral, e com a arte literária em especial [...], de maneira significativa e, gradativamente, crítica” (BRASIL, 2018, p. 158). Trata-se de ampliar o repertório simbólico e revalorizar produções que dialogam com experiências, histórias e lugares de fala.

No Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a Base orienta que “devem ser introduzidas para fruição e conhecimento, ao lado da literatura africana, afro-brasileira, indígena e da literatura contemporânea, obras da tradição literária brasileira e de língua portuguesa, de um modo mais sistematizado” (BRASIL, 2018, p. 525). A proposta não visa excluir, mas integrar, tensionar e estabelecer contrapontos; desse modo, o letramento literário, articulado à dimensão racial, precisa viabilizar o reconhecimento da contribuição dos povos negros e indígenas na constituição da literatura nacional, bem como promover uma leitura crítica das ausências, representações e silenciamentos.

Dessa forma, o letramento racial e literário deixa de ser um exercício restrito à academia para se tornar ato político, coletivo e afetivo. Desafia a neutralidade do texto, rompe com a passividade da leitura e convoca ao envolvimento ético com as vozes silenciadas. Os espaços formativos, enquanto territórios de mediação, precisam garantir o acesso a uma formação que reconheça saberes ancestrais, valorize os vínculos comunitários e celebre a pluralidade. Entendemos, pois, que letrar-se é também escutar, é travessia; é, como já mencionamos, “a rota da melanina”.

A partir desses apontamentos e reflexões, o poema ‘Didática’, presente na obra *Na pele*, de Luciene Carvalho (2020, p. 42), exemplifica esse processo de letramento literário e racial interseccionado. Leiamos:

Essa é a regra:
sou negra.
A senha secreta?
Sou preta
e não é codinome.
Não sabe que palavra usar
quando quer me chamar?
Que tal meu nome?

O eu-poético desliza entre “regra” e “negra”, produzindo um ensinamento que, apesar do tom irônico, expressa o cansaço da negritude diante das exigências de ensinar ao sistema racista seus próprios limites éticos, morais e legais. Estar na linha de frente é exaustivo. Essa perturbação aparece em “a senha secreta?”, revelando como o racismo tenta relativizar dores e distorcer experiências por meio

de eufemismos. A resposta é firme: “sou preta”, seguida da crítica “e não é codinome”, reafirmando o direito à autodeclaração e ao reconhecimento da identidade.

Os quatro primeiros versos trazem ritmo e pausas marcadas por sibilantes, como em “sou”, “senha”, “secreta”, criando ruídos que acentuam o desconforto. Já as aliterações em “r” e “t”, e as assonâncias nas vogais abertas “e” e “a” reiteram a oralidade e ampliam o tom questionador. Nos versos finais, a provocação se intensifica: “Não sabe que palavra usar / quando quer me chamar? / Que tal meu nome?”. A voz poética interpela o leitor, revelando a insegurança alheia e exigindo consideração. Isso se percebe na rima consonante entre “usar” e “chamar”, que reforça esse tom didático e desafiador.

O entrelaçamento entre raça, gênero e linguagem delineia uma subjetividade tensionada por opressões, contudo marcada por resistências; com isso, a interseccionalidade aqui não é apenas um conceito, mas uma vivência impressa na tessitura poética. O letramento racial e literário emerge como escuta dessas vozes marcadas, propondo uma formação crítica, sensível e ética.

O poema opera como prática socioracial e estética, inscrevendo-se como gesto político que amplia sentidos de pertencimento e memória. Forma-se, assim, um espaço de leitura em que a linguagem literária reconhece histórias ocultadas e valoriza identidades historicamente marginalizadas. Ao convocar o outro a nomeá-la corretamente, a voz poética exige deslocamento afetivo e escuta ativa, fundamentos de um letramento racial que, ancorado na literatura, se estabelece como campo de diálogo, empoderamento e resiliência.

Além da denúncia e do incômodo, o poema também se reporta como um espaço de afirmação, visto que a autodeclaração do eu-poético, “sou negra”, “sou preta”, não se dá como submissão a um olhar externo, porém tal qual um exercício pleno de autoria de si. Ao reivindicar o próprio nome, o sujeito poético rompe com designações impostas e projeta sua identidade como presença que exige ser reconhecida. Nesse gesto, inscrevem-se os movimentos de representação e de valorização da identidade negra, que resgatam saberes, memórias e pertencimentos historicamente negados. Então, a linguagem poética se converte em território de visibilidade e de reconstrução simbólica, no qual a negritude não é codinome, mas essência e existência.

A leitura de ‘Didática’ evidencia, de modo contundente, os princípios da BNCC, que são: o reconhecimento das identidades étnico-raciais, o respeito à diversidade cultural e a valorização das múltiplas vozes que compõem a nação. A experiência literária, nesse contexto, vai além da fruição estética, porque se transforma em exercício de escuta, reflexão e posicionamento diante das desigualdades que atravessam corpos e palavras. Ao propor o nome como espaço de existência, o poema convoca o leitor a reconhecer o outro em sua inteireza, gesto alinhado a uma educação plural, decolonial, afetiva e antirracista. Trata-se, pois, de compreender a literatura como território privilegiado de formação crítica e ética, em consonância com os fundamentos dos letramentos racial e literário.

A seguir, deixamos uma sugestão de videoaula sobre letramento racial para que você se aprofunde mais no tema. Ela se encontra no YouTube, no canal da Subsecretaria de Ensino da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ), por meio da Escola de Formação Paulo Freire (EPF).

Entrevista no YouTube, no canal Escola de Formação Paulo Freire:
“Dialogando com professores da rede sobre letramento racial”.

Ano: 2022.

Duração: 31 minutos.

Disponível em: (<https://www.youtube.com/watch?v=SMNGojGuUUw>).

Outra sugestão de material complementar é a leitura do livro: *Letramento literário: teoria e prática* (2006), de Rildo Cosson. Esperamos que você goste dessas sugestões.

ATIVIDADES E INTERVENÇÕES DE LEITURA: SUGESTÕES PRÁTICA

Apresentamos, a seguir, práticas de leitura relacionadas à obra poética *Na pele* (2020), da poeta Luciene Carvalho. Essas sugestões podem ser adaptadas à realidade de sua escola, biblioteca ou comunidade, articulando, como intervenções flexíveis, com o foco no letramento literário e racial. As atividades são direcionadas ao público do Ensino Médio e visam aprimorar a formação dos estudantes e/ou participantes, além de estimular uma reflexão crítica sobre os temas presentes na obra. Dessa forma, busca-se promover um ambiente de aprendizado inclusivo e diversificado.

1) Ensino Médio – Do 1º ao 3º Ano

Práticas	Habilidades	Competências específicas
Leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica.	(EM13LP50) – Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam.	6

Orientação

A proposta desta atividade parte do encontro entre duas vozes poéticas negras: **Noémia de Souza, poeta moçambicana**, considerada uma das precursoras da literatura de resistência anticolonial, e **Luciene Carvalho, poeta afro-brasileira**, cuja escrita se ancora na corporeidade, na ancestralidade e na afirmação da identidade negra. Embora separadas por décadas e contextos geográficos distintos, ambas constroem uma poética marcada pela insurgência, memória e pertencimento.

Noémia de Sousa (1926-2002), autora da obra *Sangue negro* (2016), é reconhecida por sua atuação no movimento de valorização da identidade africana durante o período Colonial português. Seus poemas evocam a dor e a dignidade do povo negro, mobilizando a palavra como instrumento de denúncia, orgulho e reconstrução. Em ‘Se me quiseres conhecer’, a poeta se apresenta a partir das marcas

deixadas pela história colonial, mas também a partir de sua força ancestral, fazendo da linguagem um ato de resistência.

Por sua vez, Luciene Carvalho constrói uma poética situada no território mato-grossense, porém aberta ao diálogo com a diáspora africana. Em poemas como ‘Minha África’, presente na obra *Na pele* (2020), a poeta convoca a herança africana como parte vital de sua subjetividade. Sua linguagem direta, afetiva e potente busca reposicionar a mulher negra na cena literária, social e política.

Sugestão

Os poemas ‘**Minha África**’, de **Luciene Carvalho**, e ‘**Se me quiseres conhecer**’, de **Noémia de Sousa**, podem ser lidos em voz alta e de forma coletiva, com o intuito de destacar o tom confessional e combativo presente nas vozes poéticas. Durante a leitura, oriente os estudantes ou participantes do grupo a perceberem os recursos estilísticos utilizados pelas autoras para afirmar identidade, ancestralidade e pertencimento, observando como a linguagem poética é mobilizada como instrumento de afirmação.

Proponha que os estudantes selecionem trechos que expressem esse desejo de pertencimento, resistência e reflitam sobre as seguintes questões: **Quais imagens de África e de negritude são construídas nos poemas? Que sentimentos e memórias se articulam na voz poética? Como os poemas abordam temas como racismo, invisibilidade e ancestralidade? É possível identificar aproximações entre as duas vozes poéticas, mesmo que venham de países distintos?**

A partir dessas análises, promova uma **roda de conversa**, em que os estudantes possam partilhar as leituras feitas e identificar de que maneira essas poéticas constroem uma **identidade negra** que é, ao mesmo tempo, pessoal e coletiva, local e transnacional. Incentive também que falem sobre como essas vozes contribuem para o enfrentamento do racismo e para o fortalecimento do orgulho de ser negro(a).

Poemas:

A) **Minha África – Luciene Carvalho**

Tem uma África
que é minha.
Eu a carrego
sozinha
na pele em que vou,
na cara estampada.
Eu não digo nada,
mas sei quem eu sou.
Não sei se Guiné
ou se Daomé,
talvez o Sudão.

Vasto continente.
Contudo,
a pele em que vou
não tem remetente
ou
sobrenome antigo.
Veio como artigo,
veio numa nau
como um produto
o antigo ancestral.
Minha África
é o olhar que indaga,
que segue e naufraga
nos mares e sóis...
Dia a dia,
minha África segue atenta
aos predadores
e seus sinais.
Caminha e caminha
essa África que é minha
e de ninguém mais.
(Carvalho, 2020, p. 8-9).

B) Se me quiseres conhecer – Noémia de Sousa

Se me quiseres conhecer,
estuda com os olhos bem de ver
esse pedaço de pau preto
que um desconhecido irmão maconde
de mãos inspiradas
talhou e trabalhou
em terras distantes lá do Norte.

Ah, essa sou eu:
órbitas vazias no desespero de possuir a vida,
boca rasgada em feridas de angústia,
mãos enormes, espalmadas,
erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça,
corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis
pelos chicotes da escravatura...
Torturada e magnífica,
ativa e mística
África da cabeça aos pés,

– Ah, essa sou eu:
 se quiseres compreender-me
 vem debruçar-te sobre minha alma de África,
 nos gemidos dos negros no cais
 nos batuques frenéticos dos muchopes
 na rebeldia dos machanganas
 na estranha melancolia se evolando
 duma canção nativa, noite dentro...

E nada mais me pergunes,
 se é que me queres conhecer...
 Que não sou mais que um búzio de carne,
 onde a revolta de África congelou
 seu grito inchado de esperança.
 (Sousa, 2016, p. 40-41).

Quadro Referencial

Maconde: Povo banto que vive majoritariamente no norte de Moçambique e sul da Tanzânia. É reconhecido por sua resistência histórica ao colonialismo e por sua rica tradição de escultura em madeira, mencionada no poema como símbolo da identidade africana talhada com dor e dignidade.

Muchopes: Grupo étnico moçambicano com forte presença no sul do país. Os batuques frenéticos mencionados no poema fazem alusão às manifestações culturais e rituais de resistência, cuja força coletiva ecoa a afirmação da identidade negra frente à opressão colonial.

Machanganas: Também conhecidos como Tsongas, são um dos principais grupos étnicos de Moçambique. A referência à sua “rebeldia” remete ao protagonismo de populações indígenas nas lutas de resistência contra o domínio português, evocando no poema a memória ancestral e o espírito insurgente.

Observação: Essas descrições são baseadas nas notas finais do livro *Sangue negro* (2016), de Noémia de Sousa, que traz informações complementares dos elementos culturais e simbólicos presentes nos poemas da obra.

2) Ensino Médio – Do 1º ao 3º Ano

Práticas	Habilidades	Competências específicas
Leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica.	(EM13LP46) – Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.	6

Sugestão

Ler o poema ‘Para!!!’, de Luciene Carvalho, de forma **dramatizada ou performativa**, é uma proposta que convida os estudantes a se envolverem, corporal e emocionalmente, com a força expressiva da voz poética. **A performance** deve destacar o tom de protesto e a contundência do chamado “Para!”, evidenciando o gesto de ruptura com padrões estéticos impostos, especialmente sobre os corpos negros.

Após a encenação, proponha que os estudantes analisem os efeitos de sentido gerados pela leitura em voz alta: **Que sentimentos e ideias emergem ao ouvir o poema sendo performado? De que forma o corpo em cena potencializa a mensagem poética?** Em seguida, oriente a discussão com foco em como o texto denuncia as violências simbólicas ligadas à estética e afirma a autonomia sobre o corpo e a identidade. Pergunte: **Que liberdade está sendo reivindicada? Como o poema desafia os padrões de beleza hegemônicos?**

A atividade pode se desdobrar na criação de pequenas cenas ou *performances* autorais, nas quais os estudantes expressem, por meio de gestos, palavras e movimentos, suas próprias afirmações de identidade, incentivando a escuta sensível e o respeito à diversidade como práticas de letramento literário e racial.

Poema:

PARA!!! – Luciene Carvalho

Ai! Solta meu cabelo...

Não quero alisamento.

Quero meu cabelo
ao vento.

Anseio liberdade.

Odeio escova e secador,
que queima minha testa
me causando dor.

Não quero ser Gisele.

Chega de queimar
a minha pele.

Para!

Eu quero conhecer
a minha cara.

Quero ser
como quero ser...

Basta de chapinha!
Essa decisão é minha.

(Carvalho, 2020, p. 38).

3) Ensino Médio – Do 1º ao 3º Ano

Práticas	Habilidades	Competências específicas
Leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica.	(EM13LP53) – Produzir apresentações e comentários apreciativos e críticos sobre livros, filmes, discos, canções, espetáculos de teatro e dança, exposições etc. (resenhas, <i>vlogs</i> e <i>podcasts</i> literários e artísticos, <i>playlists</i> comentadas, fanzines, <i>e-zines</i> etc.).	1,3

Sugestão

A atividade consiste na leitura crítica do **poema ‘Pele do dia’** (ver páginas 36 e 37 da obra *Na Pele* (2020), de Luciene Carvalho). Os participantes devem ser instigados a refletir sobre a construção da identidade negra, as expressões de resistência, as denúncias e as tensões entre subjetividade e coletividade, bem como entre passado e presente. Com base nessa análise oral, deverão produzir uma **Resenha crítica** que defende: “**A importância da literatura afro-brasileira como um instrumento fundamental para a desconstrução do racismo estrutural e para a valorização da cultura negra**”. O texto deve contar com uma introdução que contextualize o tema; um desenvolvimento que dialogue com as dimensões estética, histórica e política do poema, fazendo uma comparação entre elas; e uma conclusão que reflita sobre o papel transformador da arte na sociedade. *O(a) educador(a) mediador(a)* deve auxiliar no processo, promovendo debates, orientando a organização textual e utilizando recursos que ampliem a compreensão dos estudantes, incentivando-os a construir argumentos claros, críticos e bem fundamentados.

Após a correção e devolutiva dos textos, **a atividade será concluída com a exibição do curta-metragem sobre Luciene Carvalho**, proporcionando aos estudantes uma compreensão mais aprofundada da visão aguda da poeta acerca da negritude, reforçando o diálogo entre literatura, arte e identidade.

Curta-metragem “**Luciene**”, em Mostra Audiovisual Agitando a Resistência Negra – 3ª Edição.

Ano: 2020.

Duração: 71 minutos.

Direção: Juliana Curvo.

Disponível em: (<https://quaritere.com.br/site/agitando-a-resistencia-negra-3a-edicao/luciene/>).

4) Bibliotecas públicas e comunitárias

No contexto de bibliotecas públicas e/ou comunitárias, propõe-se a realização de uma **roda de leitura** a partir da obra *Na pele* (2020), de Luciene Carvalho. A atividade consiste na leitura coletiva

de poemas selecionados, seguida de um momento de escuta e partilha, no qual os participantes, adolescentes, jovens, adultos e idosos da comunidade, poderão comentar suas impressões, memórias ou sentimentos despertados pelos textos, em um ambiente acolhedor e respeitoso. Ao final, os presentes serão convidados a registrar, oralmente ou por escrito, uma frase, lembrança ou sensação relacionada à sua identidade, história ou vivência, tendo a liberdade de compartilhar ou guardar para si. A proposta visa promover o letramento literário e racial por meio da palavra poética, fortalecendo o vínculo entre literatura, território e pertencimento, respeitando os limites do espaço comunitário.

PROJETOS EDUCACIONAIS DIRECIONADOS A ESCOLAS, BIBLIOTECAS E COMUNIDADES

- A) Projeto I:** Visa promover o letramento literário e racial entre estudantes a partir do 6º ano, jovens e adultos da comunidade, por meio da leitura performática de poemas da obra *Na pele* (2020). Com uma duração de 2 a 3 meses, o projeto será realizado em escolas (Fundamental II e Médio), além de bibliotecas públicas ou comunitárias, com encontros semanais ou quinzenais. Através da exploração da oralidade, da *performance* e do Slam como formas de expressão crítica, o projeto busca fortalecer a identidade dos participantes e estimular reflexões sobre questões raciais, incentivando a construção de um espaço de diálogo e criação. As etapas se constituem em:
- Leitura compartilhada e roda de conversa;
 - Discussão sobre os temas centrais: identidade, ancestralidade, racismo, resistência;
 - Oficinas de *performance* e Slam; atividades práticas para desenvolver leitura expressiva, corpo, voz e presença cênica;
 - Ensaio e curadoria coletiva: escolha de poemas e textos que farão parte do evento final;
 - Sarau final: evento aberto à comunidade escolar ou local.

A mediação é essencial para garantir uma leitura sensível e crítica dos textos, promovendo empatia, reconhecimento e expressão entre os participantes. **Que tal complementar o evento final com a sonoplastia do álbum ‘Centelha’, de Luciene Carvalho com a participação do músico Ebinho Cardoso?**

Álbum “Centelha”, de Luciene Carvalho.

Ano: 2021. / 19 faixas.

Disponível em todas as plataformas digitais.

- B) Projeto II:** Visa promover um clube de leitura que articula letramento literário e racial de jovens e adultos leitores em formação, em especial em espaços escolares (EJA, Ensino Médio), bibliotecas públicas e comunitárias, por meio da leitura crítica e afetiva da obra *Na pele* (2020), de Luciene Carvalho. Com duração de, no mínimo, oito encontros quinzenais, o projeto propõe

a criação de um Clube de Leitura que, além de promover o contato com a literatura contemporânea afro-brasileira, incentive a escrita de diários de memórias como registros íntimos e criativos da experiência leitora. O diário funciona como forma de expressão livre, permitindo que os participantes tracem relações entre os poemas lidos e suas vivências pessoais, culturais e raciais. As etapas do projeto incluem:

- formação do grupo e acolhimento inicial: apresentação da proposta, da autora e entrega de cadernos que servirão como diários de leitura e memória;
- encontros de leitura e tertúlias literárias: leitura coletiva de um ou dois poemas por encontro, seguida de rodas de conversa orientadas por perguntas abertas que mobilizem a escuta e o pertencimento;
- produção do diário de memórias: após cada encontro, os participantes são convidados a registrar sentimentos, lembranças, palavras soltas, poemas autorais, desenhos ou quaisquer formas de expressão relacionadas à leitura;
- encerramento com partilha simbólica: varal literário, leitura pública (voluntária) de trechos dos diários e possibilidade de produção coletiva de um livro artesanal com fragmentos escolhidos pelos próprios leitores.

A mediação literária, nesse contexto, não apenas orienta a leitura e a escuta, mas também valoriza o ato de escrever como uma forma de reinscrição do sujeito em sua história. A obra de Luciene Carvalho é entendida aqui como uma fonte de memórias e afetos, enquanto o diário é visto como um espaço de resistência e reconstrução narrativa.

Ambos os projetos apresentados, voltados para a leitura performática e para o diário de leitura/memórias, são flexíveis e adaptáveis às realidades de cada escola, biblioteca ou comunidade. Para além de modelos fechados, eles constituem sugestões para o fomento da leitura literária e para o fortalecimento da formação educacional crítica, baseando-se em experiências de mediação que valorizam a escuta, a autoria, o pertencimento e o exercício da cidadania por meio da literatura. A obra *Na pele* (2020), de Luciene Carvalho, se apresenta como uma potente catalisadora desses processos, possibilitando o encontro entre a palavra poética, a identidade e a resistência.

ALGUMAS PALAVRAS QUE FICARAM PELO CAMINHO

Caro(a) educador(a) mediador(a),

Ao longo deste Caderno de Sugestões, apresentamos caminhos que podem ser seguidos em busca de práticas mais decoloniais, inclusivas e afetivas. No dia a dia, em seu espaço, você saberá quais trilhar e quais adaptar, reconhecendo que os ambientes educacionais trazem seus próprios desafios. Além disso, buscamos estimular reflexões sobre a importância da autoeducação. Conforme propõe Bell Hooks (2013), é urgente que nossa formação seja contínua, sempre em busca de novos referenciais, teorias e metodologias ativas, para cumprirmos nosso papel como formadores.

Acreditamos que a obra *Na pele* (2020), de Luciene Carvalho, ressalta a relevância de uma educação étnico-racial que não apenas combate o racismo, tal qual acolhe, gera identificações e promove

representatividade. A poeta, ao refletir sobre sua pele, expressa em seus versos não somente o que os olhos veem, mas também o que se sente; ela expõe sua melanina, suas marcas e cicatrizes, faz-se inteira, além de destacar o aquilombamento de grupos racializados.

Esperamos que este material contribua para suas práticas e mediações, tornando-se fruto, semente e caminho para uma educação racialmente letrada.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”. *Lex...* Brasília-DF, 11 mar. 2008.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Lex...* Brasília: Senado Federal/Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília-DF: MEC, 2018.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2023. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. *Lex...* Brasília-DF, 10 jan. 2023.

CARINE, Bárbara. *Como ser um educador antirracista*: para familiares e professores. São Paulo: Planeta, 2023.

CARVALHO, Luciene. *Na pele*. 1. ed. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2020.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir*: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, Noémia. *Sangue negro*. São Paulo-SP: Editora Kapulana, 2016.